

AULA INVERTIDA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO – RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A TEMÁTICA DE GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

Maruá Pereira Lock²

RESUMO:

O presente artigo apresenta a aula invertida como estratégia de ensino de Sociologia, através da abordagem da temática “Gênero, Sexualidade e Diversidade” na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Trata-se de um relato de experiência de uma atividade realizada no segundo semestre de 2015, durante as aulas de Sociologia, em turmas equivalentes ao segundo ano do ensino médio regular. A proposta da atividade buscou a construção de conhecimento dos alunos, através da distinção entre conhecimento científico e senso comum, o que auxiliou na compreensão do porquê de os alunos estarem estudando Sociologia. Além disso, a atividade proporcionou uma postura de questionamento e crítica por parte dos alunos, possibilitando o início de uma desconstrução de ideias pré-concebidas e naturalizadas, bem como o entendimento da sociedade como algo histórico e cultural.

Palavras-chave: Aula Invertida. Ensino de Sociologia. Gênero. Sexualidade. Diversidade. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT:

The following article presents the flipped classroom as a strategy for the teaching of Sociology through the approach of the thematic "Gender, Sexuality and Diversity" on "Education of Young Adults - EJA". This text is a report on the experience had on an activity carried out in the second semester of 2015 during the classes of Sociology taught to the students from grades equivalent to the second year of regular high school. The objective of said activity was to build the students' knowledge through the distinction between scientific knowledge and common sense, which helped create an understanding as to why they were learning Sociology. Furthermore, the activity enabled on the students a posture of questioning and critical thinking, allowing them to start deconstructing a series of pre-conceived and naturalized ideas, as well as understanding society as something historical and cultural.

Keywords: Flipped Classroom. Teaching of Sociology. Gender. Sexuality. Diversity. “Education of Young Adults”.

¹ Esta estratégia foi utilizada durante as aulas de Sociologia da Escola Manoel Ribas, localizada em Santa Maria – RS, durante o segundo semestre de 2015.

² Licenciada em Sociologia (2013) e Bacharel em Ciências Sociais (2014) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora de Sociologia na Escola Manoel Ribas.

1 INTRODUÇÃO

A Sociologia é uma disciplina recente no ensino médio, o que faz com que existam alguns ônus em relação à consolidação da mesma, em relação às demais disciplinas, as quais já possuem um andamento no que tange aos seus conhecimentos serem considerados por todos como algo necessário. Diferentemente, a Sociologia não se consolidou devido a diversas dificuldades, tais como a falta de professores formados em Ciências Sociais/Sociologia, o fato de professores de outras disciplinas estarem ministrando Sociologia e, conseqüentemente, o não entendimento do porquê de estar estudando Sociologia por parte dos alunos. E mesmo com professores formados em Ciências Sociais/Sociologia, ainda sim muitos alunos não compreendem o porquê de estudar a disciplina, pois não a entendem como uma ciência, isto é, um conhecimento diferente do senso comum, no qual eles costumam se basear. Aliado a isso, está o fato da Sociologia, enquanto uma disciplina que estuda a sociedade, ser confundida com algo que não precise ser estudado, algo que não é científico, pois é muito próximo à realidade das pessoas, o que possibilitaria os alunos a utilizarem sua opinião sobre o que é abordado na disciplina sem ter uma base teórica/científica para isso.

Uma das temáticas referentes à Sociologia que é difícil de abordar é a de gênero, sexualidade e diversidade, pois o senso comum vê a questão sexual de uma forma naturalizada, isto é, existe um sexo – entendido aqui como órgão sexual – que é responsável por determinar o sujeito, que deve sentir atração sexual instintiva por um sujeito do sexo oposto ao seu. Diante dessa concepção, torna-se árdua a tarefa do professor que, baseando-se nos conceitos de gênero e sexualidade, se propõe a debater e desconstruir essa visão, tendo em vista que nela, o sexo é algo visto como totalmente natural e não como algo construído historicamente e culturalmente. Até mesmo pelo fato de que, nas escolas, comumente o sexo é tratado nas aulas de biologia ou em palestras, de modo preventivo e higienista. Dificilmente tem-se a abertura em debater e discutir sobre sexo em outra perspectiva, de modo que os alunos pudessem falar abertamente sobre o assunto. Isto é, muitos professores entendem que sexo não deve ser falado para além da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ou de gravidez. Infelizmente, o tratamento por parte da escola sobre esse tema, com esse viés, auxilia na concepção de sexo como algo impuro, que deve ser escondido, que não deve ser falado.

Diante disso, percebe-se que os professores de Sociologia tem diversas dificuldades, seja com relação à disciplina como um todo, ou mesmo com relação a algumas temáticas a serem trabalhadas, como, por exemplo, o caso específico de gênero, sexualidade e

diversidade. É necessário que o professor atente para a diferenciação constante entre conhecimento científico e senso comum com os alunos, para que os mesmos compreendam que há uma diferença entre os dois conhecimentos. Tal diferenciação proporciona aos alunos o entendimento de que, apesar de ser um estudo da sociedade, o que torna a Sociologia próxima a eles, ela é uma ciência. Além disso, o entendimento da diferença entre conhecimento científico e senso comum também proporciona a compreensão da sociedade como algo que é construído socialmente e culturalmente, isto é, as relações sociais e o modo como compreendemos o mundo a nossa volta não é natural, mas sim uma construção social, e, portanto, nós mesmos somos responsáveis por isso. E para que ocorra uma mudança social, é necessária principalmente a abertura ao questionamento, para que seja possível a desconstrução de ideias pré-concebidas, o que certamente a Sociologia tem a contribuir nesse processo.

Este trabalho se propôs a relatar uma experiência realizada no Colégio Estadual Manoel Ribas, localizado em Santa Maria, Rio Grande do Sul, durante as aulas de Sociologia em turmas³ de Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, este artigo foi dividido em quatro partes: Sociologia no Ensino Médio; Gênero, Sexualidade e Diversidade; Caracterização da Escola e a especificidade da EJA e Aula Invertida como estratégia de ensino. Na primeira parte, “A Sociologia no Ensino Médio”, buscou-se demonstrar a realidade da Sociologia no Ensino Médio e as dificuldades encontradas para que a disciplina seja ministrada satisfatoriamente. Na segunda parte, “Gênero, Sexualidade e Diversidade”, são trazidos os conceitos pertinentes a essa temática, necessários para o entendimento e desconstrução de uma visão naturalizada, difíceis de serem abordados na escola. Na terceira parte, “Caracterização da escola e a especificidade da EJA” o Colégio Estadual Manoel Ribas é brevemente caracterizado e a especificidade da Educação de Jovens e Adultos é apresentada e comparada à realidade do ensino médio regular. Por fim, na quarta parte, “Aula invertida como estratégia de ensino”, é apresentada a estratégia utilizada para realizar a atividade e de que modo a mesma foi planejada e executada.

2 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

A partir de 2008, com a Lei 11.684/2008, é alterado o artigo 36, inciso IV da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, definindo que a Filosofia e a Sociologia deveriam ser

³ A atividade foi realizada em três turmas, referentes à segunda etapa da Educação de Jovens e Adultos, equivalente ao segundo ano do ensino médio.

incluídas como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio. Até então, a LDB (1996) apenas exigia o domínio do conteúdo dessas disciplinas, mas não a obrigatoriedade das mesmas como disciplinas a serem ministradas no Ensino Médio. Desse modo, o conteúdo dessas ciências não era ministrado como o Português, a Matemática ou a Biologia, mas sim como conteúdos interdisciplinares, como se estes estivessem internalizados nas demais disciplinas, os quais seriam necessários para o desenvolvimento da cidadania dos alunos.

Com a nova lei, a Filosofia e a Sociologia deveriam passar a ter um período próprio para que os conteúdos dessas ciências fossem ministrados, porém devido à quantidade de tempo que essas disciplinas foram distanciadas dos currículos escolares, há certa dificuldade de inseri-las de fato nos mesmos, visto que em sete anos que a lei está em vigor, ainda não há uma quantidade necessária de profissionais licenciados para assumirem as disciplinas, e os alunos, por sua vez, ainda não compreendem ao certo a importância dessas ciências para a sua formação. No caso específico da Sociologia, é ainda mais complicada essa adaptação à Lei 11.864/2008, pois além dos cursos de Licenciatura terem sido criados posteriormente aos de Filosofia, fazendo com que haja uma maior escassez dos profissionais licenciados que estejam formados e aptos à ministrarem as aulas no Ensino Médio, os alunos estão menos acostumados às suas aulas, pois a Filosofia, embora não tenha sido obrigatória anteriormente à lei, ainda sim era ministrada em algumas escolas, fato este que faz com que os alunos tenham uma maior aproximação e entendimento com os seus conteúdos.

A Sociologia, por sua vez, foi inserida no Ensino Médio, sem que existisse material publicado suficiente para que os professores pudessem utilizar e nem profissionais licenciados formados, o que caracteriza como um problema para que esta disciplina seja ministrada com qualidade e que atenda os objetivos da mesma, a qual busca formar um cidadão reflexivo, crítico, consciente e atuante na sociedade. Nessa perspectiva, o fato de professores formados em outras áreas estarem ministrando aulas de Sociologia, além de não terem formação e nem suporte didático o suficiente, podem acabar distorcendo o conteúdo que é abordado na disciplina, impedindo que os objetivos da mesma sejam alcançados. Aliado a isso, está a questão dos alunos não compreenderem ao certo o porquê de terem a Sociologia como disciplina obrigatória. Nesse sentido, Oliveira e Costa (2007) afirmam que no início do ano, os alunos se perguntam o porquê de terem essa matéria e, mesmo no meio do ano, após o professor tendo explicado diversas questões sobre a disciplina, alguns ainda não conseguem compreender ao certo o porquê dela, até mesmo pelo fato de alguns considerarem “maçante”, “chata” e até mesmo que ela não possui nenhuma relação com eles.

A partir do que foi exposto, torna-se necessário definir o que é a Sociologia para que seja possível a compreensão do por que dessa disciplina ser essencial para a formação do aluno que está no Ensino Médio. Nesse sentido, vamos utilizar o seguinte conceito

A Sociologia é o estudo da vida social e humana, dos grupos e das sociedades. É um empreendimento fascinante e irresistível, já que seu objetivo de estudo é o nosso próprio comportamento como seres sociais. A abrangência do estudo sociológico é extremamente vasta, incluindo desde a análise de encontros ocasionais entre indivíduos na rua até a investigação de processos sociais globais. (GIDDENS, 2005, p. 24)

Percebe-se, a partir desse conceito, a importância da Sociologia, visto que estuda o comportamento de si próprio como um ser social. Assim, a inclusão da mesma como disciplina obrigatória no ensino médio é necessária, pois auxilia os alunos na construção das concepções acerca do mundo à sua volta e, nesse sentido, o senso comum é aflorado, pois normalmente os mesmos se utilizam de explicações não científicas em sua vida cotidiana. Para que os objetivos como a crítica, o questionamento, a reflexão e a consciência, os quais são propostos pela Sociologia, sejam alcançados, é preciso que a mesma seja ministrada com qualidade, ou seja, por profissionais capacitados para isso.

A Sociologia no ensino médio, quando bem ministrada por profissionais licenciados e que possuam um suporte didático o suficiente para tanto, deverá proporcionar aos alunos a construção de concepções críticas, através das quais os alunos possam exercer o questionamento e reflitam, não apenas no campo referente à Sociologia, mas a todos os campos, pois o conhecimento como um todo não é algo compartimentalizado, embora o seja no que tange às disciplinas acadêmicas. A partir do questionamento e da reflexão proporcionados pela Sociologia, os alunos passarão a ver de outro modo o cotidiano que estão acostumados, pois,

A maioria de nós vê o mundo a partir de características familiares a nossas próprias vidas. A Sociologia mostra a necessidade de assumir uma visão mais ampla sobre o por que somos como somos e por que agimos como agimos. Ela nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom ou verdadeiro pode não ser bem assim e que os “dados” de nossa vida são fortemente influenciados por forças históricas e sociais. Entender os modos sutis, porém complexos e profundos, pelos quais nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social é fundamental para a abordagem sociológica. (GIDDENS, 2005, p. 24)

Nesse sentido, Meksenas (2010) aborda a questão da importância da Sociologia para a construção do direito à cidadania, lembrando que o domínio do conteúdo dessa ciência precisa ser dotado de uma perspectiva crítica para que a cidadania possa ser alcançada. Para tanto, é

preciso que a Sociologia seja ministrada de modo a considerar o conteúdo sociológico através de algumas características, as quais são, conforme Meksenas (2010) definir o mesmo como um fenômeno contraditório, o qual é resultante de relações sociais complementares, porém também antagônicas e, desse modo, o conteúdo deve ser pensado de modo que o indivíduo se perceba como um elemento ativo perante as relações sociais existentes na sociedade, fazendo com que a reflexão por parte deste não seja descomprometida com a realidade, mas sim uma reflexão que possa transformá-la. Além disso, Meksenas (2010) ressalta a necessidade de que o conteúdo proposto seja ministrado de modo que o aluno o de modo crítico e dinâmico, através de estratégias de ensino que intercalem as aulas expositivas com dinâmicas de grupo e a utilização de maneira correta do material didático.

Para que seja possível uma reflexão transformadora por parte dos alunos, é preciso que eles compreendam o verdadeiro significado da Sociologia. Um elemento que dificulta essa compreensão é o fato da Sociologia ser muito próxima ao cotidiano das pessoas, o que faz com que as pesquisas e teorias elaboradas pelos próprios sociólogos sofram influência dessa aproximação. Nessa perspectiva, Bourdieu (1999) infere que os sociólogos devem conviver com a ideia de que a Sociologia está ao alcance de todos, pois, diferentemente dos cientistas naturais que recebem créditos por um conhecimento que a sociedade não possui, a Sociologia possui um objeto de estudo muito próximo aos agentes sociais, e estes, tem certo domínio do mundo social, pois conhecem as regras práticas da vida em sociedade e as regularidades existentes na mesma. Sendo assim,

O sociólogo nunca conseguirá acabar com a sociologia espontânea e deve se impor uma polêmica incessante contra as evidências ofuscantes que proporcionam, sem grandes esforços, a ilusão do saber imediato e de sua riqueza insuperável. Sua dificuldade em estabelecer, entre a percepção e a ciência, a separação que, para o físico, exprime-se por uma oposição nítida entre o laboratório e a vida cotidiana, é tanto maior pelo fato de não conseguir encontrar, em sua herança teórica, os instrumentos que lhe permitiriam recusar radicalmente a linguagem corrente e as noções comuns. (BOURDIEU, 1999, p. 23)

Apesar disso, o sociólogo francês menciona que independentemente das peculiaridades das ciências sociais mencionadas anteriormente, não existe sentido para a diferenciação entre as ciências conhecidas como duras (naturais) e as ciências conhecidas como flexíveis (sociais), pois ambas são ciências, embora com métodos e técnicas distintas. No entanto, é preciso destacar que,

Mais do que todos os outros especialistas, o sociólogo está exposto ao veredicto ambíguo e ambivalente dos não-especialistas que se sentem com a autoridade de dar crédito às análises propostas, com a condição de que estas despertem os

pressupostos de sua sociologia espontânea, mas que são levados, por essa mesma razão, a contestar a validade de uma ciência que eles só aprovam na medida em que ela coincide com o bom senso (BOURDIEU, 1999, p. 36)

Sendo assim, pelo fato da Sociologia estar próxima à maioria das pessoas, tendo em vista que tem como foco de estudo a sociedade, as pessoas pensam que por fazer parte dela, podem entender os fenômenos sociais através de suas próprias experiências. Desse modo, há o pensamento de que elas poderiam validar ou não os estudos da Sociologia, o que só ocorre quando aquilo que os seus teóricos dizem se aproxima daquilo que essas pessoas pensam, isto é, elas concordam à medida que suas experiências dizem o mesmo que os estudos sociológicos dizem. Nessa perspectiva, torna-se necessário, através das aulas de Sociologia, desmistificar isso, mostrando que apesar das experiências dos alunos serem importantes e aplicáveis às aulas, é preciso alertá-los para que não permaneçam no senso comum e tentarem, a medida do possível, utilizar em seus argumentos as teorias e conceitos que dizem respeito a essa ciência.

Em “A carta de Paulo Freire aos professores”, Freire (2001) aborda a importância do processo de ensino-aprendizagem. Para ele, “não existe ensinar sem aprender”, pois o professor, ao ensinar, estará aprendendo, tendo em vista que ele pode relembrar algo que já conhecia, além de possibilitar a descoberta dos erros e acertos cometidos por ele, através da observação do aprendizado do aluno.

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. (FREIRE, 2001, p. 259)

Freire (2001) destaca também que primeiramente o professor aprende a ensinar, mas é somente ao ensinar que ele aprenderá a ensinar, pois ele estará reaprendendo constantemente. No entanto, para Freire (2001) o professor precisa ter competência para ensinar, ou seja, este não poderá ensinar sem ter o conhecimento necessário, como ocorre, por exemplo, com os profissionais que não são licenciados em Sociologia e ministram a disciplina. Freire (2001) posiciona essa questão relacionada à educação no geral, porém buscando essa concepção para a Sociologia, qualifica não só o processo da interação aluno-professor, mas também as abordagens estabelecidas na Sociologia.

3 GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE – A TEMÁTICA A SER TRABALHADA

Nos últimos anos tem sido discutida a abordagem de temas referentes a gênero, sexualidade e diversidade na escola e tal discussão se baseia principalmente em dois argumentos opostos: de um lado, uma parcela mais conservadora da sociedade se opõe a escola abordar gênero, sexualidade e diversidade na escola, pois acreditam que isso é de responsabilidade da família, além de entenderem que esses assuntos seriam ideologias que confundiriam as crianças e jovens e os incentivaria a ter uma orientação homossexual; de outro lado, outra parcela da sociedade tem defendido a importância de abordá-los, diante de uma situação caótica que estamos vivenciando em nossa sociedade, em que a intolerância tem prevalecido. Nessa perspectiva, a escola deve ser concebida como um espaço de construção do conhecimento e, para tanto, torna-se imprescindível o debate entre professores e alunos e entre alunos, para que esse ideal seja alcançado. E com temas como gênero, sexualidade e diversidade, não deveria ser diferente, tendo em vista diversas situações, tais como, as violências sofridas pelas mulheres e homens, devido ao machismo, e pela população LGBTTT – Lésbicas, Gays, Transexuais, Transgêneros e Travestis, devido a lesbo-homofobia. Em frente a esse cenário de violência, intolerância, preconceito e discriminação, torna-se essencial o debate de questões de gênero, sexualidade e diversidade na escola.

A abordagem de gênero, sexualidade e diversidade no âmbito escolar vem a contribuir para a formação integral de cidadãos críticos, conscientes, reflexivos e atuantes na sociedade, pois permite o questionamento de verdades entendidas como absolutas, como, por exemplo, a naturalidade do sexo como algo que define a vida do sujeito; a sexualidade sendo tratada apenas sob uma perspectiva profilática e higienista, a homossexualidade sendo vista como uma escolha e de modo condenável, dentre outras visões distorcidas. Todas elas auxiliam na construção de uma visão errônea e que podem gerar inúmeras violências de gênero, sejam elas físicas ou psicológicas, o que não proporciona a formação integral mencionada anteriormente que a escola se propõe e influencia negativamente na construção de uma sociedade democrática e igualitária. Diante disso, tratar dessas temáticas no espaço escolar, proporciona, se não o alcance de uma sociedade democrática e igualitária, uma sociedade um pouco menos desigual.

Nessa perspectiva, embora essas temáticas comumente constarem como temas transversais a serem discutidos nas escolas, elas acabam ficando a margem da discussão principal, seja pelo não preparo dos professores em lidar com elas ou pela própria questão de

serem temas que a própria sociedade não tem o real conhecimento, o que contribui para que tenham uma visão distorcida, encarando a abordagem como ameaçadora, e assim, tornando difícil a aceitação da abordagem em sala de aula. Apesar das dificuldades, ainda sim se torna imprescindível o debate sobre esses temas, para que o conhecimento seja construído de modo que atinja a sociedade em termos de compreensão de gênero, diversidade e sexualidade. Desse modo, pode-se iniciar a desconstrução de concepções equivocadas da sociedade, que muitas vezes acabam gerando preconceitos, discriminações e violências contra aqueles que não se encaixam no padrão estipulado pela sociedade, especialmente no que se refere às sexualidades hegemônicas, ou que mesmo se encaixando, ainda sim sofrem violências, mesmo que estas pessoas não percebam isso, como é o caso das mulheres, especialmente as que foram criadas por famílias tradicionais e conservadoras, e as quais cabem o papel de dona de casa, que devem cuidar do lar e dos filhos, além de se submeterem às vontades dos maridos, ou mesmo aquelas, que embora tenham tido a oportunidade de terminar os seus estudos e trabalhar, são assediadas pelos chefes e ganham salários menores, se comparado aos homens, apenas por serem mulheres, dentre outras diversas situações que ocorrem em nossa sociedade.

Embora as temáticas de gênero, sexualidade e diversidade sejam consideradas tabus em nossa sociedade, especialmente no que tange a serem trabalhadas na escola, Louro (2013) aponta que as mesmas costumam fazer parte das conversas dos estudantes, estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nos namoros, mas também nas salas de aula, nas falas e atitudes dos professores e dos estudantes. Apesar de terem ocorrido mudanças significativas, como a conquista de direitos pelas mulheres e a diversidade sexual ter tido uma visibilidade maior, há uma crescente violência contra esses grupos, ao mesmo tempo em que as mulheres no mercado de trabalho, inclusive em postos mais altos, têm proporcionado um aumento das tensões nesses espaços. Diante disso, é uma conquista importante as temáticas de gênero, sexualidade e diversidade estarem em pauta para serem tratadas nas escolas, embora estejam como temas transversais.

Nessa perspectiva, torna-se necessário compreender os conceitos de gênero e sexualidade, mais especificamente em uma visão das Ciências Sociais. Embora sejam conceitos distintos, o senso comum costuma compreendê-los como se fossem sinônimos. Desse modo, o gênero é entendido como uma construção social que não se baseia unicamente no sexo, o qual reproduz o binarismo homem e mulher, que são vinculados a um gênero masculino e feminino, mas ao invés disso, abre possibilidade para diversas variações. Nesse sentido, Butler (2000) concebe o gênero não como algo que se impõe culturalmente sobre a matéria (seja este entendido como corpo ou sexo), tendo em vista que o próprio corpo é

construído através de uma norma regulatória e estes não devem ser pensados separadamente, pois o sexo não é algo estático e sim uma norma pela qual a viabilidade do sujeito torna-se possível, porque é através dele que o mesmo é compreendido em seu contexto cultural. No que se refere à sexualidade, a qual é uma temática indispensável a ser tratada pela escola, esta acaba sendo distorcida, tendo em vista que em sua maioria, é abordada apenas através da visão biológica e higienista. No entanto, a sexualidade não deve ser entendida como algo natural, pois

[...] a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico [...] à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

É preciso entender que o modo como vivemos a nossa sexualidade nem sempre está relacionado a um gênero masculino ou feminino. Para a sociedade, de uma forma geral, é muito complexo separar sexualidade e gênero, pois parece que é algo que já está relacionado. Talvez por isso, pais e mães conservadores ainda tentem impedir meninos (principalmente) de brincar com alguma coisa que eles não consideram apropriada para um (distinguindo brinquedos e brincadeiras de meninos e de meninas). Isto é, desde que nascemos, nos são impostas roupas, brinquedos, formas de se comportar, que são diferentes de acordo com o sexo da criança. As meninas vão sendo preparadas para serem boas mães e boas donas de casa, enquanto os meninos são preparados para serem “pais de família”. E o fato de uma menina ou menino não brincar com aquilo que é esperado, não utilizar roupas que são esperadas, ou não se comportar do modo que é esperado, gera um medo por parte de família, parentes e amigos mais próximos, de que sua sexualidade também não seja aquilo que se espera (a heterossexual).

Desse modo, Louro (2013) enfatiza que identidade sexual e de gênero são distintas, pois sexualidade e gênero nem sempre estão relacionados. As identidades são construídas e estão em constante transformação. Isso demonstra que elas não são naturais, mas sim constituídas historicamente e socialmente. Portanto, tanto a heterossexualidade, quanto a homossexualidade, ou ainda, a bissexualidade, estão em constante construção, isto é, conforme Louro (2013), não há a possibilidade de definir um determinado momento da vida do indivíduo em que a suas identidades de gênero e sexual sejam estabelecidas. Nessa perspectiva, o conceito identidade, tanto no que se refere a gênero ou sexualidade, não é algo

fixo como parece ser, mas algo que se modifica ao longo do tempo e sofre influências a todo o momento.

Por isso, um indivíduo pode ser heterossexual e, em um determinado momento da vida, tornar-se homossexual. Isto porque heterossexual, homossexual e bissexual são apenas conceitos, nomenclaturas, quando na realidade, nos relacionamos com pessoas, independente de sua identidade sexual ou de gênero, embora a sociedade nos imponha essa classificação a todo o momento. Desse modo, em uma sociedade que tem uma preocupação exacerbada em classificar, uma pessoa que tem um determinado sexo, parece ter que estar voltada a um determinado gênero e que, portanto, deve estar relacionado a uma sexualidade referente a esse gênero, o que Butler (2003) denomina “ordem compulsória do sexo-gênero-sexualidade”. É preciso romper com essa ordem, quebrar com a ligação obrigatória entre sexo, gênero e sexualidade, a fim de que essa imposição da sociedade seja cessada.

Um espaço que pode quebrar com essa lógica seria a escola, pois se trata de um local apropriado para abrir um debate orientado pelos professores. No entanto, quando se propõe falar sobre o assunto, as aulas e palestras costumam tratar apenas de prevenção e de doenças, como se sexo fosse algo impuro. Nesse sentido, Seffner (2012) destaca que assuntos como saúde reprodutiva e sexual, gênero e orientação sexual são os que geram polêmicas, pelo fato do ordenamento moral da sociedade. Segundo Seffner (2012) enquanto essas temáticas estão vinculadas especificamente com a saúde, não há muitos problemas, porém os jovens querem discuti-las em conexão com suas vidas e, além disso, essas informações são apresentadas a todo o momento, através da televisão, filmes, propagandas.

Apesar do gênero e da sexualidade fazerem parte do cotidiano dos alunos, a escola os considera temas pouco importantes, embora eles estejam presentes nos espaços escolares, bem como “está sempre sendo ensinado através de olhares, sussurros, comentários, estímulos ou penalizações.” (BORGES E MEYER, 2008, p. 71). Isto é, apesar de ser tratada como um assunto proibido e, portanto, não se abre um espaço para o diálogo, é algo que faz parte do dia-a-dia de todos, especialmente na escola. Desse modo, é essencial que se aborde tais temas, afim de que deixem de ser considerados tabu e que possam ser discutidos no espaço escolar, para que a desconstrução de visões errôneas seja possível, além de abrir a possibilidade de mudanças sociais significativas no que tange aos preconceitos, discriminações e violências, que estão diretamente ligados a tais temáticas.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E A ESPECIFICIDADE DA EJA

O Colégio Estadual Manoel Ribas é um dos maiores e mais antigos colégios estaduais de ensino médio de Santa Maria - Rio Grande do Sul, e tem sido reconhecido pela sua infraestrutura e ensino de qualidade. Atualmente, funciona em três turnos: pela manhã com alunos de segundos e terceiros anos, pela tarde com alunos de primeiro ano e pela noite com a Educação para Jovens e Adultos – EJA. Na EJA, há três etapas (7, 8, e 9), equivalentes a cada ano do ensino médio regular (1º, 2º e 3º), as quais duram um semestre cada uma.

A EJA tem o público diferenciado do diurno, tendo em vista que é voltado para pessoas maiores de 18 anos, além do fato de que muitos alunos ficaram alguns anos sem frequentar a escola, embora também tenham alunos mais novos, inclusive alguns que frequentavam o diurno e completaram 18 anos, sem ter concluído o ensino médio. Nessa perspectiva, “a EJA é composta por todos aqueles sujeitos que não tiveram oportunidades em período escolar de frequentar a escola. São pessoas que fracassaram na escola, ou foram expulsas dela ou simplesmente não tiveram acesso por diversas razões”. (BURATTO, 2011, p. 16)

O ensino na EJA também é diferenciado, pois um semestre equivale a um ano do ensino regular, o que pressupõe que nem todos os conteúdos trabalhados no diurno consigam ser abordados no noturno, ou, pelo menos, que os conteúdos sejam trabalhados em menos tempo que o desejado. Além disso, como existem alunos que estão há muito tempo longe da escola e/ou que trabalham o dia todo, é preciso investir em metodologias diferenciadas, buscando mais ainda trazer as teorias para as vivências dos alunos, a fim de que haja uma maior participação dos mesmos e que a aprendizagem seja alcançada.

Inicialmente, na década de 30, embora considerada como um direito, a EJA era vista como uma política para erradicar um problema nacional e, com a LDB 1996, passou a ser uma modalidade da Educação Básica no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e a ter um tratamento próprio. (BURATTO, 2011) No entanto, para Buratto (2011), ainda havia dúvidas sobre como essa modalidade deveria ser tratada, pois persistia a visão da mesma como uma política compensatória e não reparadora. É somente a partir de 2000, com o Parecer 11/2000, referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos que ela passou a ser vista como uma política reparadora, a fim de proporcionar uma educação de qualidade e a igualdade de oportunidades. (BURATTO, 2011)

Diante disso, a estratégia da aula invertida promove um ensino diferenciado, de modo que os alunos se tornem os sujeitos da própria construção do conhecimento, juntamente com a orientação do professor. Além disso, o uso do computador e da internet auxiliam nessa construção e na emancipação desses sujeitos, a partir do momento em que promove a

autonomia dos mesmos em relação aos usos destas tecnologias, proporcionando o aprendizado e a utilização das mesmas em suas atividades em geral, até mesmo no que tange a sua vida profissional. Nessa perspectiva, Buratto (2011) aborda a importância da tecnologia na construção da autonomia dos alunos, especialmente com relação ao computador, pois isso pode auxiliá-los nas atividades que eles realizam ou podem vir a realizar, devido ao fato de que no mundo atual, a tecnologia se encontra cada vez mais presente. Sendo assim, esta estratégia de ensino vem a somar no que tange a formação integral dos alunos que é esperada por parte da escola. Especialmente se tratando de alunos que foram excluídos, independente do motivo, da formação durante o período ideal.

5 A METODOLOGIA A SER UTILIZADA – AULA INVERTIDA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

A aula invertida é uma estratégia de ensino que visa à construção do conhecimento por parte do aluno, pois ela inverte a proposta de uma sala de aula tradicional, ainda vigente nas escolas, na qual o foco principal é o professor, através de aulas expositivas que abordam conhecimentos que dificilmente são questionados pelos alunos. Embora haja uma busca por aulas diferenciadas, através de debates, vídeos, laboratórios, ainda sim as aulas expositivas ganham destaque, e, por isso, é necessário repensar esse modelo tradicional e buscar cada vez mais focar o aluno como sujeito da sua própria aprendizagem. Diante disso, “entendo por classe invertida uma metodologia de aula na qual os alunos devem aprofundar o conhecimento de um assunto de forma autônoma, sem necessariamente estar em um espaço escolar, e trazer os seus achados para discussão em sala de aula”. (LEMOS e PERL, 2015, p. 128) Sendo assim, através da aula invertida, os alunos se tornam os construtores do seu próprio conhecimento, o que promove a autonomia do aluno, pois ele não precisa necessariamente estar na escola para realizar as pesquisas acerca dos temas trabalhados. Além disso, o professor se torna um mediador que auxilia os alunos na construção do conhecimento, acompanhando os alunos durante as atividades, o que permite um melhor aproveitamento do tempo em sala de aula, de modo que a mesma se torne um espaço de troca de conhecimentos, proporcionando uma colaboração entre o professor e o aluno e entre os próprios alunos. Assim, o diálogo é primordial para que a estratégia se efetive, ao invés do professor abordar um conteúdo e os alunos ficarem em silêncio na maior parte do tempo.

A aula invertida, conhecida como *Flipped Classroom* nos Estados Unidos, foi inicialmente proposta por Jonathan Bergman e Aaron Sams, em escolas de ensino médio norte

americano, ao sentirem a necessidade de propor diferentes estratégias para alunos que não podiam comparecer às aulas regularmente, devido ao fato de serem atletas. (SCHNEIDER et al, 2013) Diante disso, segundo Schneider et al (2013), eles passaram a gravar e postar as aulas, de modo que esses alunos acompanhassem as aulas regularmente e, quando voltavam de suas viagens, poderiam contribuir com as aulas e retirar suas dúvidas. Gradativamente, essa ideia foi sendo ampliada para todos os alunos, dando liberdade para que os mesmos decidissem os horários para estudar, como, por exemplo, através de vídeos, com conceitos, autores e temas, e posteriormente, se reunindo em sala de aula para a aplicação do conteúdo explorado anteriormente. (SCHNEIDER et al, 2013)

No presente trabalho, a estratégia da aula invertida foi utilizada para abordar temas referentes a gênero, sexualidade e diversidade e teve como objetivo a construção do conhecimento por parte dos alunos, isto é, eles mesmos deveriam escolher os temas dentro dessa temática que estavam mais interessados em pesquisar. Nessa perspectiva,

Precisamos dar mais autonomia aos alunos. Eles podem decidir, junto com o professor, o que querem aprender, buscar de forma mais autônoma as informações e discutir e escrever mais coletivamente. Com o advento das novas tecnologias, o professor não tem mais o monopólio da informação. (LEMOS e PERL, 2015, p. 129)

Desse modo, a busca pela autonomia dos alunos deve ter início na própria escolha daquilo que eles querem aprender, desde que com a orientação dos professores, e com o planejamento de acordo com o currículo. É possível dar uma liberdade maior ao aluno sobre o que ele quer aprender, pois não há como falar em autonomia sem abrir margem para tal liberdade. Devemos permitir que eles sejam efetivamente os protagonistas em seu aprendizado, mostrando a eles que são capazes disso, além de desacostumá-los com perguntas e respostas prontas acerca do mundo. Só assim podemos falar em autonomia e fazer com que eles iniciem a busca pela mesma. Aliado a isso, está o fato de que, como nos aponta Lemos e Perl (2015), a informação não é privilégio dos professores, devido ao fato de que a tecnologia tem avançado bastante e os alunos tem cada vez mais acesso a ela. É preciso que os professores utilizem isso ao seu favor, orientando os alunos a utilizarem tais tecnologias, aplicando elas à construção do conhecimento, como, por exemplo, através de pesquisas com orientação e planejamento.

Diante disso, a ideia desse trabalho foi permitir que os próprios alunos produzissem conhecimento através da pesquisa, o que além de fazer com que eles fossem os protagonistas na construção de seu próprio conhecimento, proporcionou um trabalho mais aprofundado no

que tange à pesquisa, ainda defasada nas escolas, tendo em vista que os alunos estão acostumados a conhecimentos prontos, a reproduzir informações que os professores ministram em suas aulas expositivas. Isso ocorre porque,

Na sua grande maioria, as salas de aulas ainda têm a mesma estrutura e utilizam os mesmos métodos usados na educação do século XIX: as atividades curriculares ainda são baseadas no lápis e no papel, e o professor ainda ocupa a posição de protagonista principal, detentor e transmissor da informação. (VALENTE, 2014, p. 142)

Além disso, há uma dificuldade em realizar atividades de pesquisa, pois há o risco de não ser bem orientada, devido ao pouco tempo de aula que é destinado a isso, aliado ao costume dos alunos em não fazer pesquisa, pois não entendem do que realmente se trata, e acabam por fazer um mosaico de colagens com sites não confiáveis que encontram pela internet. Por isso, é necessário que as atividades de pesquisa sejam bem planejadas e orientadas pelos professores.

Sendo assim, foi realizada uma atividade em que os alunos escolheram os próprios caminhos no que tange ao tema, os artigos que foram pesquisados, a escrita e a entrega do trabalho. No entanto, apesar dessa liberdade, eles foram orientados no início e durante o trabalho, sendo acompanhados para sanar dúvidas e no auxílio durante toda a pesquisa. Nessa perspectiva,

Formar um aluno autônomo é dar voz às suas necessidades e vontades, é perceber as necessidades de uma turma e conduzir uma prática pedagógica que vise a autonomia e a emancipação desses sujeitos. Sendo assim, a autonomia digital tende para a reflexão acerca de como será utilizada esta tecnologia e a que fins será destinada. (BURATTO, 2011, p. 13)

Desse modo, primeiramente os alunos foram orientados por meio de slides sobre a atividade de uma forma geral, a fim de que essa autonomia digital que Buratto (2011) nos aponta fosse alcançada, tendo em vista que para que isso seja possível, é necessária uma reflexão por parte dos alunos sobre como seria realizada a atividade e de que modo a tecnologia, no caso o computador e a internet, seriam empregados na mesma. Assim, nessa primeira aula, foi realizada uma exposição acerca do que eles deveriam pesquisar, isto é, que deveriam ser artigos acadêmicos ou textos confiáveis que contivesse autor e formação na internet, depois escreveriam um roteiro de pesquisa, a fim de orientá-los durante o trabalho, posteriormente, deveriam escrever o trabalho a ser entregue e apresentar o mesmo do modo que eles preferissem.

Embora algumas sugestões de temas iniciais terem sido sinalizadas por mim, a fim de mostrar um possível caminho a ser seguido, tais temas sofreram modificações através do entendimento e pesquisa por parte dos alunos. Nesse sentido, os alunos escolheram um tema, se dividiram em grupos de dois ou três alunos e, nas aulas posteriores às orientações para o trabalho, os mesmos tiveram acesso ao laboratório de informática para realizar suas pesquisas, sempre acompanhados, a fim de que houvesse uma orientação durante as atividades.

Inicialmente, os alunos pesquisaram os seus temas no laboratório de informática, com o objetivo de compreendê-los a partir do modo como a Sociologia e as Ciências Sociais os compreendiam enquanto um método científico. Isso proporcionou o início da construção de um conhecimento científico, pois os fez questionar opiniões acríticas que eles possuíam antes de iniciar a pesquisa e, portanto, os fez afastar-se do senso comum, sem necessariamente, interferir no fato de que a Sociologia e as Ciências Sociais estudam a sociedade, o que faz com que sejam tratados temas que fazem parte do dia a dia dos alunos. Nesse sentido, “o papel do professor é o de mediar, auxiliar ou facilitar o acesso do aluno ao conhecimento. Ligando-o com sua experiência de vida cotidiana, permitindo a análise crítica dessa experiência e a sua ultrapassagem no sentido da existência”. (SÁ, 2006, p. 313 apud BURATTO, 2011, p. 43) Posteriormente, eles escreveram um roteiro de pesquisa, o qual foi orientado na aula inicial e seguiu com a orientação no decorrer das aulas. Através do roteiro de pesquisa, os alunos tiveram um planejamento para realizar o trabalho final, de modo que a pesquisa fosse orientada através de uma introdução sobre o tema, problema de pesquisa, justificativa, objetivos que eles pretendiam alcançar com o trabalho, uma pequena revisão bibliográfica e a metodologia que utilizariam para realizar o trabalho.

Os alunos entregaram o roteiro de pesquisa e prosseguiram com as suas pesquisas para realizar o trabalho final, o qual foi composto pela capa, introdução, desenvolvimento, considerações finais e referências. Ou seja, inicialmente eles planejaram a pesquisa através do roteiro de pesquisa e, posteriormente, escreveram o trabalho final, orientados pelo planejamento inicial. Por fim, após a entrega do trabalho final, a última etapa da atividade foi a apresentação do trabalho realizado, na qual eles poderiam escolher como poderiam realizá-lo, como, por exemplo, por meio de cartazes, vídeos, slides, teatro, dentre outros. O trabalho final, a preparação da apresentação e a apresentação propriamente dita foram acompanhados e orientados durante as próprias aulas de Sociologia e, sempre que possível – pois alguns trabalham durante o dia –, eles poderiam realizar as atividades em casa e trazer dúvidas para a aula.

6 RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA

Tendo em vista que o público-alvo é diferenciado do Ensino Médio regular, muitos alunos não sabiam utilizar o computador de forma correta. Até mesmo por isso se tornou importante a abertura desse espaço na escola, para que os alunos tivessem acesso a essa tecnologia e aprendessem a utiliza-la para o seu aprendizado. Mas o surpreendente é que não foram somente os alunos de maior idade que tiveram dificuldades ao manusear o computador, pois inclusive os mais novos demonstraram não ter o conhecimento de atividades básicas no mesmo, tais como, utilizar o programa Microsoft Word, anexar os textos pesquisados em seu e-mail, baixar arquivos da internet e do e-mail, etc. Nessa perspectiva,

O uso do computador abrange dois tipos de inclusão: a inclusão digital e a inclusão social, ambas interligadas e dependentes. O computador, em especial, possibilita a inclusão social, uma vez que permite o acesso a informações de outrem, e exige a inclusão digital para que se possa fazer uso da tecnologia. (BURATTO, 2011, p. 26)

Sendo assim, as aulas proporcionaram o início das inclusões digital e social apontadas por Buratto (2011), pois ao mesmo tempo em que os alunos puderam ter acesso a utilização do computador de uma forma diferente da que conheciam, eles estavam sendo incluídos socialmente, na medida em que estavam tendo acesso a informações que dificilmente teriam se não estivessem realizando a pesquisa, ou poderiam ter o acesso de forma equivocada.

Desse modo, tornou-se necessário um tempo maior para a realização da atividade, tendo em vista que todos esses passos eram essenciais para que a mesma fosse concretizada. Apesar de demandar tempo e ter apenas um professor para auxiliá-los, essa atividade proporcionou um entendimento melhor sobre como utilizar o computador, o que hoje em dia é pré-requisito para alguns empregos, que eles têm hoje ou futuramente terão e, portanto,

Incluindo esses sujeitos estamos oportunizando maiores chances no mercado de trabalho e permitindo que exerçam sua cidadania através dos meios de comunicação digitais. Dominar os conhecimentos tecnológicos promove a autonomia digital, fazendo com que os mesmos sejam incluídos digitalmente de forma crítica e autônoma. (BURATTO, 2011, p. 29)

Além disso, aqueles que já tinham o contato com computador e internet, ampliaram o seu uso, aprendendo a manusear o Microsoft Word, digitando, configurando os textos dentro das normas de trabalhos acadêmicos, dentre outros e, no que se refere ao e-mail, puderam aprender a salvar anexos, baixar arquivos pro computador, etc.

Outra dificuldade encontrada ao realizar a atividade, foi o fato dos alunos não terem compreendido que seria necessário realizar uma pesquisa em artigos acadêmicos, mesmo que isso tenha sido detalhadamente explicado anteriormente, tendo em vista que antes de iniciar a atividade propriamente dita, foi utilizada uma aula para dar as primeiras orientações em slides e eles tirarem suas dúvidas. Durante as primeiras aulas de pesquisa, vários alunos procuravam textos em sites não confiáveis, perguntavam se poderiam utilizá-los e era explicado novamente que, em uma pesquisa, é necessário procurar em fontes confiáveis, que tenham o nome do autor e que especifique a formação do mesmo, para que eles soubessem se ele tem competência para mencionar o que está sendo apresentado, até mesmo porque eles precisariam colocar as referências ao final do trabalho, isto é, as fontes nas quais eles pesquisaram. Nessa perspectiva,

É preciso, sobretudo, [...] que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente, de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou para a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 12)

Ou seja, é necessário que os alunos compreendam a si mesmos como sujeitos que podem construir o conhecimento, pois, conforme Freire (1996), ensinar e transferir conhecimento são distintos, e, diante disso, a educação necessita de espaços em que a produção e a construção do conhecimento sejam proporcionadas, como é o caso da estratégia de aula invertida utilizada nessa atividade. Entretanto, alguns alunos insistiam em pesquisar em blogs ou sites de notícias que nem sempre continham os autores e a formação, embora eles sempre tenham sido orientados a pesquisar os artigos acadêmicos. Isso demonstra a dificuldade em entender o que é uma pesquisa, pois mesmo explicando detalhadamente, eles ainda tinham a concepção de que poderiam procurar os temas em qualquer site e a sua pesquisa seria válida.

Além da dificuldade em procurar fontes confiáveis, os alunos insistiam em copiar partes dos artigos que pesquisavam sem fazer a devida citação. Diversas vezes algum aluno mencionou que leu os textos que pesquisou e que escreveu um texto baseado naqueles textos, demonstrando acreditar que não haveria problemas em realizar a atividade desse modo, mesmo eles tendo sido orientados a fazerem citações quando encontrassem alguma parte importante dos textos pesquisados. Desde o início eles foram orientados a fazer citações diretas, quando eles copiassem fielmente a parte do texto ou citações indiretas, quando eles escrevessem com as suas próprias palavras a ideia do texto, pois ainda sim, essa ideia não é deles, mas do autor do texto. Por isso,

É necessário o auxílio de pessoas mais experientes que entendam o processo de como promover a construção de conhecimento – papel de um verdadeiro educador na concepção da palavra. A intervenção do professor é fundamental nos momentos em que o aprendiz não consegue progredir ou nos momentos de ser desafiado a procurar novas situações e, assim, ter a chance de dar saltos de qualidade no seu trabalho. (VALENTE, 2014, p. 161-262)

No entanto, foi difícil eles entenderem isso e utilizarem da forma correta as citações, primeiro por falta de costume em escrever textos dessa forma, segundo pelo fato de outros professores não cobrarem atividades desse tipo, inclusive alguns alunos disseram que estavam cansados porque estavam realizando a mesma atividade há várias aulas ou que estavam realizando uma atividade de faculdade, mesmo quando eu informei que essas atividades eram realizadas no ensino médio regular também, e que isso os preparava para a faculdade, caso desejassem fazer uma; terceiro por não haver tempo disponível, nem por parte dos alunos em casa, nem por minha parte em sala de aula, devido à dificuldade em orientar tantos alunos com tantas dúvidas, ainda mais quando os períodos não são consecutivos.

Embora na EJA seja dois períodos destinados a Sociologia, diferentemente do ensino médio regular que é apenas um período, em algumas turmas os períodos não eram consecutivos, o que dificultou a realização dessa atividade, tendo em vista que era necessário ir com os alunos ao laboratório de informática e ligar os computadores, além da demora em se concentrar por parte dos alunos, o que era essencial para iniciar a escrita. Além disso, algumas aulas ocorreram no último período, em que muitas vezes, temos menos alunos presentes, especialmente nas sextas-feiras, como também o fato de alguns alunos, dependendo da localidade onde moram, terem horário reduzido de ônibus, o que faz com que eles precisem sair mais cedo, atrapalhando a aula, seja pela desconcentração dos demais ou pelo fato desse aluno que saiu estar em um grupo de outros alunos que não conseguiam continuar o trabalho.

Na EJA há uma peculiaridade que é a grande desistência dos alunos, se comparada ao ensino médio regular, seja por motivos do horário do emprego dos alunos, familiares, ou porque alguns alunos se inscrevem pensando que o ensino seria mais fácil e que poderiam faltar às aulas. Isso dificultou a realização da atividade, pois demandou muitas aulas para que a mesma se concretizasse, e à medida que o trabalho ia avançando, as turmas iam diminuindo, como costuma ocorrer ao longo do semestre. Sendo assim, a atividade sofreu adequações, principalmente com relação aos grupos, pois cada vez mais, menos alunos continuavam frequentes. Diante disso, alguns grupos se tornaram inexistentes, de modo que alguns alunos

tiveram que ser inseridos em outros grupos, ou, aqueles que não desejaram trocar de grupo, pois já haviam prosseguido muito com o trabalho, optaram por realizar sozinhos.

Os temas que os alunos escolheram para realizar a atividade foram bem variados, mas todos eles, de uma forma ou de outra, estavam vinculados à temática de gênero, sexualidade e diversidade. Alguns grupos optaram por abordar a violência contra a mulher, destacando as inúmeras violências sofridas, sejam elas físicas ou psicológicas; outros enfocaram a violência contra os LGBTTT, demonstrando que apesar de uma liberdade maior para viver a sexualidade hoje em dia, se comparado a outras épocas, muitas pessoas são mortas todos os dias por não se encaixarem nos padrões de gênero e sexualidade hegemônicos em nossa sociedade; outros falaram sobre o conceito de família, demonstrando que a concepção tradicional e conservadora não abarca a maioria das famílias hoje em dia, independente de gênero e sexualidade; alguns alunos escolheram falar sobre o estupro, elencando suas possíveis causas, relacionando-as ao machismo presente em nossa sociedade, além de suas consequências, como, por exemplo, traumas nas vítimas; outros abordaram a questão da representação da mulher nas propagandas, especialmente as de cerveja, destacando a objetificação da mesma, o que ocorre na sociedade como um todo; outros alunos mencionaram a moda como difusora de padrões de beleza inalcançáveis, destacando a mudança da mesma em diferentes épocas e sociedades; e, por fim, o consumismo feminino, relacionando-o ao fato da moda e dos padrões de beleza que se impõe principalmente sobre as mulheres, tornando-as escravas disso. A abordagem de todos esses temas foi de extrema importância e mesmo com as pesquisas, ainda restavam dúvidas sobre eles, o que promoveu o debate durante as apresentações, que foram bem aproveitados pelos alunos. Nessa perspectiva,

A presença de um espaço curricular onde o debate seja incentivado e utilizado como um método de construção e exposição de idéias é uma característica peculiar do campo científico das Ciências Sociais. Isso se torna importante para que se cumpra um dos objetivos do ensino médio que é a formação para a cidadania. (RAIZER et al, 2007, p. 6)

As apresentações dos trabalhos foram diversificadas, pois alguns alunos optaram pela apresentação com slides, outros com cartazes e alguns com vídeos, além das explicações acerca dos temas pesquisados. Durante as apresentações, foram realizadas pontuações no trabalho por mim e pelos demais alunos, de modo que foi possível, além da exposição dos temas e o modo como eles realizaram os trabalhos, também a discussão dos mesmos. Desse modo,

Trazer a possibilidade do debate de idéias, incentivando a participação de toda a turma, abre um espaço de interação que pode ser de extrema valia para a formação do educando, pois o coloca diante de tensões e enfrentamentos intelectuais que lhe possibilitam a assunção de posicionamentos e suas implicações. (RAIZER et al, 2007, p. 6)

Diante disso, embora eu fizesse algumas pontuações durante as apresentações que eram necessárias, seja por algum equívoco ou no sentido de complementar a apresentação, os próprios alunos começaram a fazer o mesmo, trazendo suas experiências acerca dos temas abordados, o que possibilitou a relação de seu cotidiano com a Sociologia, sem recair no senso comum; ou mesmo trazendo outros posicionamentos em relação ao tema, o que é extremamente importante em um debate construtivo.

Pode-se dizer que a atividade foi bem completa, visto que, promoveu a pesquisa, e fez os alunos perceber que não se trata de um mosaico do que outros autores escreveram, e, portanto, que requer organização e planejamento; além do planejamento do próprio trabalho, a leitura, a escrita, a construção do conhecimento por parte do aluno, o planejamento da apresentação do trabalho, o estudo e a preparação para apresentar o seu tema, a criatividade no desenvolvimento de slides, cartazes, vídeos. Além disso, esta atividade proporcionou o entendimento de que pesquisa é uma atividade científica e que a Sociologia/Ciências Sociais, utiliza-se de conceitos, do questionamento, da reflexão e da crítica. Nessa perspectiva,

O principal instrumento de trabalho do cientista social é o conceito, aqui entendido como uma prática discursiva que representa uma perspectiva teórica de análise da realidade social. Aplicados à formação dos estudantes de nível médio, os conceitos se transformam em ferramentas para a explicação, compreensão e transformação do seu mundo. (RAIZER et al, 2007, p. 7)

Sendo assim, é preciso que os alunos compreendam a importância em entender a teoria e os conceitos que dizem respeito à Sociologia/Ciências Sociais, ao invés de pensar que por essas ciências estudarem a sociedade, eles já entendem de seus conhecimentos e fenômenos automaticamente por fazerem parte dela. Dessa forma, essa atividade proporcionou o entendimento (ou ao menos o início dele) de que a Sociologia é uma ciência e, que, portanto, as teorias e os conceitos, como nos aponta Raizer et al (2007), se transformam em formas de explicar, compreender e transformar o seu mundo. Diante disso, é preciso ressaltar que teorias e conceitos não devem ser ensinados e nem aprendidos sem estarem em relação com o mundo social, pois, segundo Freire (1996, p. 12) “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática,

ativismo”. Isto é, além do professor refletir criticamente sobre a prática, ele indica que a teoria e prática devem estar relacionadas, e, portanto, assim como as aulas de Sociologia não devem se basear apenas na discussão de temas atuais, que fazem parte do cotidiano dos alunos, também não se deve falar em teoria e conceitos sem relacioná-los com as vivências e experiências dos alunos, pois elas têm muito a contribuir para a construção do conhecimento.

Apesar do longo tempo de pesquisas acompanhadas de orientação, ainda sim as apresentações não deixaram de evidenciar concepções naturalizadas e o discurso do senso comum, como já era previsto. Isto porque tais concepções e discursos são construídos durante a nossa vida em sociedade e desconstruí-las demanda muito tempo. Mas o fato deles terem a oportunidade de realizar pesquisas acerca dos temas proporcionou o entendimento de que modo é planejada e realizada uma pesquisa científica, além de promover o entendimento de tais temas e a sua relação com a Sociologia. O questionamento foi provocado nos alunos e eles se perceberam como construtores de seu próprio conhecimento. Por enquanto, é o que basta, pois o início da desconstrução foi proporcionado, embora o caminho ainda seja longo para que resultados maiores sejam alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociologia no ensino médio ainda precisa percorrer um longo caminho para que o objetivo de formar cidadãos críticos, conscientes, reflexivos e atuantes na sociedade seja possível, seja pelo fato da disciplina não estar consolidada enquanto indispensável pela formação dos alunos, seja por não haverem profissionais formados em Ciências Sociais/Sociologia ministrando a mesma nas escolas. Além disso, é preciso que os professores que ministrem a disciplina, estejam conscientes de sua importância e saibam como demonstrá-la para os seus alunos, buscando não basear-se apenas em aulas expositivas, ou ainda, em aulas que se baseiem unicamente na discussão de temas atuais. Por mais difícil que seja esse caminho, é necessário demonstrar a todo o momento para que serve a Sociologia, mostrar que trata-se de uma ciência e, portanto, não podemos utilizar-se do senso comum para debater-la, embora ela seja uma ciência que se preocupa em compreender a sociedade. Para tanto, torna-se imprescindível que se fale em autores e conceitos, sem descontextualizar a realidade social.

Dentre as temáticas a serem trabalhadas em Sociologia, a de gênero, sexualidade e diversidade é provavelmente uma das mais complexas, diante da concepção naturalizada que ainda prevalece em nossa sociedade, a qual é baseada na ideia de que o órgão sexual é

determinista para a constituição do sujeito. Diante disso, a abordagem de tal temática deve ser cautelosa no que tange ao planejamento da aula, mas ainda sim, deve visar à discussão, para que seja proporcionado o início de um questionamento por parte dos alunos, a fim de que uma possível desconstrução de ideias naturalizadas possa ser alcançada. Tal proposta é difícil de ser realizada no ensino médio, pois os alunos já possuem concepções cristalizadas a cerca de vários conhecimentos, se comparada ao ensino infantil e fundamental, mas na EJA é uma tarefa mais difícil ainda, tendo em vista que temos alunos de mais idade, que tem concepções ainda mais fortes no que tange a essa temática. Portanto, é preciso a utilização de estratégias diferenciadas para que a abordagem de gênero, sexualidade e diversidade sejam realizadas satisfatoriamente.

A proposta de aula invertida é uma estratégia interessante para que o aluno se torne efetivamente o protagonista da construção de seu próprio conhecimento, pois permite que o foco não se centre no professor, de modo que ele se torne um mediador para que o conhecimento do aluno seja alcançado. Embora a concepção de tornar o aluno como protagonista no processo de ensino e aprendizagem não seja recente, ainda é preciso discuti-la, tendo em vista que há muitas dificuldades em tornar isso uma realidade. Diante disso, a aula invertida abre diversas possibilidades para que os alunos tenham uma maior autonomia, essencial para uma formação de qualidade, pois permite que os alunos realizem a sós as atividades, até mesmo em casa, e que o professor acompanhe, na sala de aula, mediando o conhecimento, sanando as dúvidas, auxiliando nas dificuldades. Isso permite que o aluno seja capaz de realizar as atividades, sem esperar que o professor lhe traga o conhecimento pronto, como se fosse uma verdade absoluta e que deveria ser aceita, mas sim que ele entenda o conhecimento como algo a ser buscado, a ser construído e que ele é capaz de fazer isso, com a mediação do professor.

REFERÊNCIAS:

BORGES, Zulmira Newlands. MEYER, Dagmar Estermann. **Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia.** Rio de Janeiro: Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, V. 16, n. 58, p. 59-76, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n58/a05v1658.pdf>>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.

_____. **Lei 11.684, de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.

BURATTO, Denise Beatriz. **Para o que (e porque) atentar em aulas de Informática para adultos da EJA**. 2011. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32045/000786673.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Carta de Paulo Freire aos professores: Ensinar, aprender: leitura de mundo, leitura da palavra**. Revista Estudos Avançados, v.15, n.42, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LEMOS, A. PERL, L. **Comunicação e tecnologia:** uma experiência de classe invertida. São Paulo: Comunicação e Educação, v. 20, p. 127-139, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/84709>>. Acesso em: 09 nov. 2015

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Luiz F. de; COSTA, Ricardo C. R. da. **Sociologia para jovens do século XXI.** Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.

RAIZER, L.; INGRASSIA, T.; MEIRELLES, M. A importância da disciplina de Sociologia para a construção de uma escola de qualidade. In: XXIII SIMPÓSIO DA ANPAE; I COLÓQUIO IBERO AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2007, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/230.pdf>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.

SCHNEIDER, E. I; ZUHR, I.R.F; ROLON, V. E; ALMEIDA, C.M. **Sala de Aula Invertida em EAD:** uma proposta de Blended Learning. Intersaberes (Facinter), v. 08, p. 68-81, 2013. Disponível em: <<http://uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/viewFile/499/316>>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.

SEFFNER, F. Formação docente nos temas de gênero, sexualidade e culturas juvenis: conhecimentos, práticas e disposições sociais. In: DA SILVA, Fabiane Ferreira; DE FREITAS, Diana Paula Salomão. (Org.). **II Seminário corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação.** Uruguaiana: Universidade Federal do Pampa, 2012, p. 72-86. Disponível em: <<http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/07/Corpos-2012.pdf>>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.

VALENTE, J. A. **A comunicação e a educação baseada nos usos das tecnologias digitais de informação e comunicação.** Revista UNIFESO – Humanas e Sociais, 2014, p. 141-166. Disponível em: <<http://revistasunifeso.filoinfo.net/index.php/revistaunifesohumanasesociais/article/view/17>>. Acesso em: 09 de Nov. 2015.